



Perguntar é saber: Meta-Arquivo 1964-1985

Asking is knowledge: Meta-Archive 1964-1985

Dra. Ana Pato; Dra. Mabe Bethônico

Como citar:

PATO, A.; BETHÔNICO, M. Perguntar é saber: Meta-Arquivo 1964-1985. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 4, n.2, p.290-299, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4587>>. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v4i2.4587>.

Imagem: *Escola de Testemunhos* (2019), Grupo Contraflê, na exposição *Meta-Arquivo*. O coletivo desenvolveu sua pesquisa no arquivo da Coleta Regular de Testemunhos, projeto do Memorial da Resistência para ampliar o conhecimento sobre a história do Deops a partir dos testemunhos de ex-presos e perseguidos políticos e de familiares de mortos e desaparecidos. Foto: Julio Kohl/Sesc São Paulo.

Perguntar é saber: Meta-Arquivo 1964-1985

Asking is knowledge: Meta-Archive 1964-1985

Dra. Ana Pato*
Dra. Mabe Bethônico**

Resumo

Este ensaio é uma reflexão sobre os imaginários pessoais e políticos em torno da exposição *Meta-Arquivo: 1964-1985*, que produziu o mapeamento de arquivos e centros de memória que guardam documentos sobre o período da ditadura empresarial-militar¹ brasileira. Por meio do diálogo entre duas pesquisadoras de arquivos, a artista Mabe Bethônico e a curadora Ana Pato o objetivo é seguir construindo estratégias para disseminação dessas histórias. Aqui tomamos esta que vemos como uma exposição-escola, para uma elaboração além do evento. Consideramos os espaços-arquivos consultados para a construção do projeto e as sensibilidades despertadas pela revisitação ao momento histórico dos anos de perseguição e repressão, que responderam a interesses econômicos e de classe. Como traçar percursos metodológicos de pesquisa que buscaram leituras interpretativas? Como transmitir, compartilhar ou reconstituir a história pesquisada, por meios de imagem, voz e imaginação?

Palavras-chave

Arquivos. Exposição. Pesquisa em arte. Ditadura brasileira. Acesso à informação.

Abstract

This essay is a reflexion about the individual and political 'imaginaries' deriving from the exhibition *Meta-Arquivo: 1964-1985*, which mapped archives and document centers which guard the memory from the period of the Brazilian civil-military dictatorship. The aim is to continue constructing strategies for the dissemination of these histories by means of a dialogue between two researchers on archives, – the artist Mabe Bethônico and the curator Ana Pato. Here we take an event-exhibition-school as a pretext for an encounter. We consider the archive-spaces consulted for the construction of the project and the sensibilities arised during the revisit of the historic moment of the years of persecution and repression, which responded to economic and class interests. How to trace methodological processes of research that aimed for interpretative readings? How to transmit, share or reconstitute the history in question, by means of image, voice and imagination?

Keywords

Exhibition. Research in art. Brazilian dictatorship. Access to information.

*Meta-Arquivo: 1964-1985. Espaço de escuta e leitura de histórias da ditadura*² teve como propósito imaginar coletivamente os processos de construção da história brasileira. É disso que trata o programa de ação curatorial que Ana Pato desenvolve desde 2014, com a articulação de pesquisas artísticas e a formação de grupos de trabalho em torno de arquivos e acervos. A ação tem como proposta repensar as instituições de memória e suas práticas, e mobilizar processos de pesquisa em arte para a criação de espaços de escuta e reflexão sobre a experiência histórica traumática brasileira. Suas questões norteadoras são: Como se constrói um arquivo? Como torná-lo público? Como falar do trauma?

Na obra de Mabe Bethônico, a estratégia de questionar a estrutura dos arquivos traz à tona a maneira como a narrativa histórica se constrói. Em linhas gerais, pode-se considerar que o trabalho da artista segue uma vertente relacionada a arquivos e coleções, e outra ligada à questão da memória sobre a mineração, com um olhar sobre o trabalhador, as funções das mulheres nas minas, a paisagem, a extração. Os sentidos dessas questões de trabalho se entrecruzam, em métodos e ações na construção de processos de pesquisa e obras. Ana Pato pesquisa o conceito de arquivo e seus modelos de operação na arte. O processo de transmissão da memória social no contexto da arte e a urgência em politizarmos os modelos de construção dos arquivos são temas centrais na sua pesquisa curatorial. Defende a noção de que a arte é capaz de prefigurar a violência contida nos arquivos, ao desafiar sua origem e as formas através das quais estruturam nossa realidade.

O que nos interessa nos arquivos é a invisibilidade que os caracteriza. Achille Mbembe (2002) escreveu sobre sua dualidade, de ser, ao mesmo tempo, fonte de legitimação do Estado e lugar onde se guardam os vestígios que podem, um dia, destituir seu poder. Esse comentário fica mais claro quando lembramos que o arquivo exerce o papel de instituição central no armazenamento de documentos para atender, em primeira instância, à administração governamental. Tendo isso em vista, *Meta-Arquivo* pode ser vista como um gesto coletivo de engajamento nessas instituições para conhecermos suas histórias, como e por que elas foram criadas, para que servem e como podemos liberar a violência contida nesses espaços. Participaram da exposição os artistas Ana Vaz, Grupo Contrafilé, O grupo inteiro, Giselle Beiguelman, Ícaro Lira, Mabe Bethônico, Paulo Nazareth, Rafael Pagatini e Traplev.

Sob a perspectiva dos artistas, o arquivo pode ser um repositório de possibilidades de leitura e de construção, um convite à pesquisa, questionamento e narração, um espaço aberto ao diálogo, interpretação e invenção. Os gestos burocráticos presentes, junto a protocolos aparentemente previstos, revelam camadas de subjetividade por detrás das escolhas que configuram cada arquivo: o que guardar e como organizar, classificar. São pessoas por detrás de questões sobre o que se documenta, decidindo sobre o dispor, o mapear e o disponibilizar. Assim, materiais e intenções políticas se fazem necessariamente elementos configuradores desses espaços, prontos a leituras e problematizações. Podemos pensar em algumas questões disparadoras dos trabalhos: Como tornar visível a história, a partir do que contém o arquivo? Como construir diante da necessidade ou do impulso de transmissão de informação? Como elaborar o trauma da história de forma que ele sirva de lição para o presente?

Meta-Arquivo é uma inquietação e uma pesquisa sobre a ditadura civil-militar brasileira. Parte de seu processo foi a criação, há um ano, do grupo de trabalho *Meta-Arquivo*, do qual participaram os artistas citados, a equipe da exposição e as equipes do Memorial da Resistência de São Paulo e do Sesc Belenzinho. Começamos com um grupo de WhatsApp com os artistas, criado por Ícaro Lira e alimentado por Traplev, com trocas de referência e impressões. Em janeiro de 2019, começamos as reuniões no Memorial da Resistência, onde foram realizados quatro encontros públicos. O primeiro foi uma apresentação das ações do Memorial e dos interesses de pesquisa dos artistas; o segundo, uma

discussão sobre “Arquitetura da informação e estrutura de vigilância no período da ditadura civil-militar (1964-1985)”, que teve como convidado Marcelo Quintanilha (Arquivo do Estado); o terceiro tratou do tema “Aprender e ensinar com o período da ditadura: a experiência do Memorial da Resistência”, do qual participaram o Instituto Bixiga de Pesquisa, Formação e Cultura Popular, o Coletivo História da Disputa – Disputa da História e a equipe do Educativo do Memorial. O quarto encontro foi uma oficina do artista Traplev com o tema “Organizações Clandestinas do Brasil de 1960/1970, pesquisa de Traplev para Meta-Arquivo”. O GT visitou, ainda, a Coleção do ASMOB – Clandestinidade, Exílio e Resistência, custodiada pelo Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem) e o Arquivo Público do Estado. No Sesc Belenzinho, *Meta-Arquivo* consolidou-se e amplificou o desejo de dar acesso à informação sobre esse período de nossa história, ainda pouco elaborado em nossa memória coletiva. O último encontro do GT aconteceu na abertura da exposição, como evento público junto a convidados.

As histórias da ditadura são contadas pelos trabalhos dos artistas. Estão centradas entre 1964 e 1985, e comprometidas com uma rede de arquivos e centros de memória sem os quais este projeto não aconteceria. É preciso esclarecer que este recorte temporal foi necessário para delimitar a ação. Não obstante, a Comissão Nacional da Verdade apurou graves violações aos direitos humanos entre 1946 e 1988, e o Memorial da Resistência trabalha com a memória do período republicano à atualidade. Diagramas contendo os arquivos consultados foram apresentados na exposição, como aporte metodológico usado para a efetivação da mostra, mas sobretudo para divulgação dos acervos existentes, buscando-se impulsionar pesquisas junto ao público. Se uma exposição propõe questionamentos historiográficos, como ela pode oferecer caminhos para a ampliação ou a reafirmação de respostas?

Em linhas gerais, os trabalhos abordam questões como a marcha para o centro-oeste e o genocídio do povo Waimiri-Atroari, apresentados por Ana Vaz. Mabe Bethônico estuda a atuação de empresas mineradoras e a motivação de interesses minerários individuais no Golpe e a memória do evento Semana Popular em Defesa ao Minério, realizada na década de 1960, em Minas Gerais. Os atravessamentos entre o setor cultural e a esfera política são tratados por Rafael Pagatini. O Grupo Inteiro discute os sistemas de informação e vigilância do Estado. A semântica dos inquéritos policiais e a criminalização de negros e negras são tratadas por Paulo Nazareth. Giselle Beiguelman acompanha o grupo de trabalho sobre a Vala de Perus e reflete sobre as histórias reveladas pela medicina forense e seus procedimentos na busca de mortos e desaparecidos. A luta armada, os movimentos de resistência e as histórias pessoais de militantes políticos estão nos trabalhos de Traplev e Ícaro Lira. O ensino nas escolas, os processos de aprendizado, os programas de alfabetização nacional e seus desmontes são discutidos por Traplev, Contrafilé e Mabe Bethônico. O Contrafilé se dedica à escuta de testemunhos e questiona seu estatuto. Todas essas experiências envolveram pesquisas, transmitidas ou re-elaboradas na obra de cada artista em processos de aprendizado e compartilhamento de informação.

Sobre a ideia de meta-arquivo, que dá nome à exposição, a curadoria toma partido do pensamento de Hayden White (1992), ao escrever que os modelos de representação estariam menos sujeitos à natureza dos “dados” analisados que à natureza poética e tácita utilizada pelo historiador. Ele considera o paradigma poético da escrita histórica como uma base “meta-histórica” irrefutável. Para penetrar na estrutura profunda da imaginação histórica, White se debruça sobre a superfície linguística que constitui o trabalho, na tentativa de determinar a natureza pré-conceitual e poética da operação. O método de White consiste em atravessar as operações historiográficas de historiadores e filósofos do século XIX em busca do não declarado – o terreno onde se edificam validações anteriores à crítica.

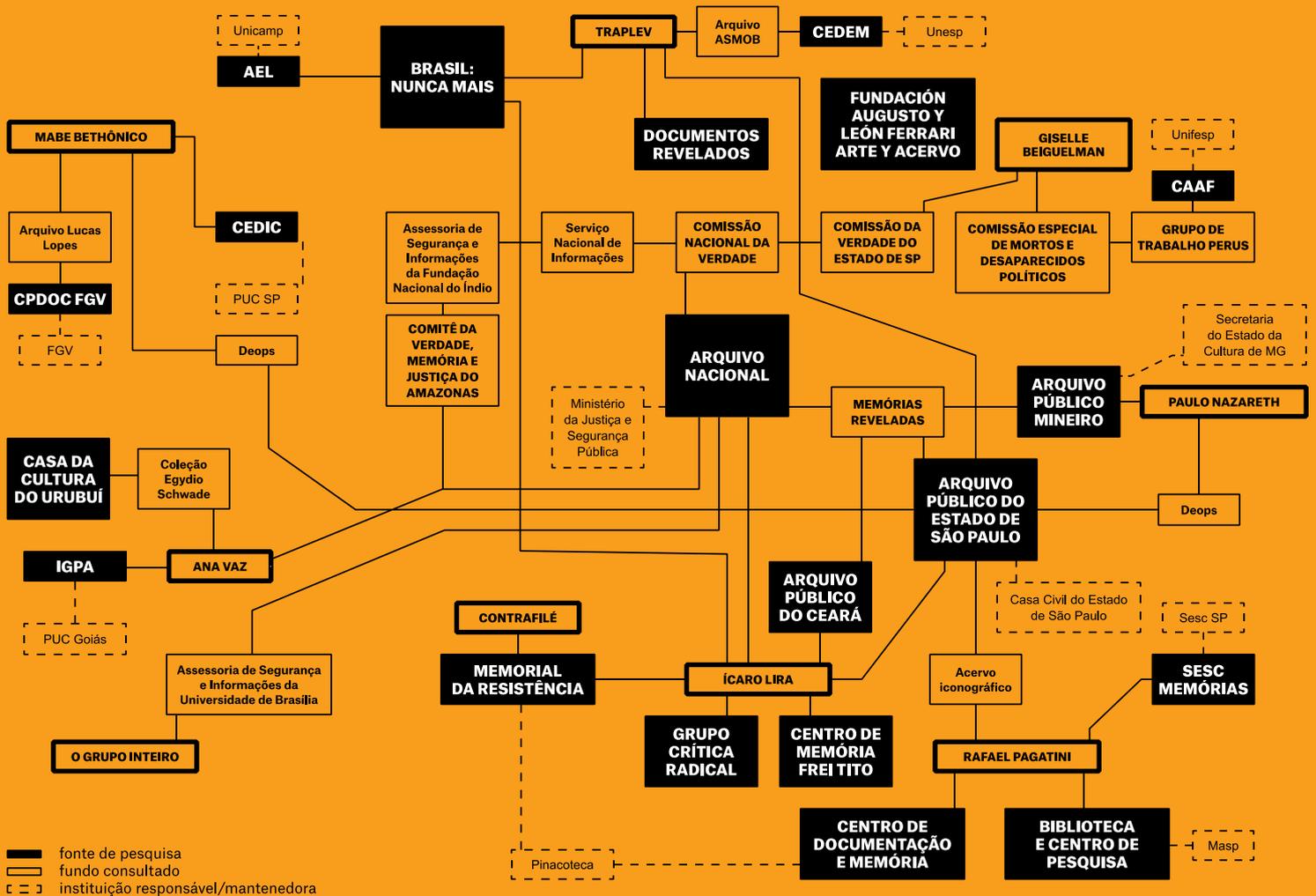


Fig. 1. Diagrama de pesquisa desenhado pela curadoria relacionando as investigações dos artistas e a rede de arquivos, acervos e centros de memória consultados no processo de realização da exposição. Fonte: Livro da exposição *Meta-Arquivo*.

Ao considerar as histórias produzidas pelos historiadores como estruturas verbais e formais, White observa que os possíveis modelos de representação ou conceptualização histórica são determinados pela consistência, coerência e capacidade do historiador de tornar visíveis os problemas abordados dentro do campo histórico. Em sua opinião, os modelos de representação estariam menos sujeitos à natureza dos “dados” analisados do que à natureza poética e tácita utilizada pelo historiador. Dessa forma, ao definir as estruturas através das quais a obra histórica se configura, White nos mostra que, independentemente do que seja produzido como teoria pelos diferentes historiadores de uma época,

há uma base meta-histórica profunda que se torna visível quando observada por lentes forjadas na intersecção com o discurso poético.

Um pouco desse pensamento ressoa na imaginação do projeto arquitetônico, desenhado por Anna Ferrari. Por meio de estruturas metálicas aparentes, as histórias se complementavam, configurou-se um arquivo por toda a dimensão do espaço; conteúdo e estrutura se fizeram indissociáveis. No galpão do Sesc Belenzinho, fixados entre o piso e o teto, eixos verticais e horizontais enquadravam obras e superfícies em madeira onde se dispunham documentos. A alusão ao mobiliário arquivístico e escolar corporificava o conjunto, servindo também utilitariamente às demandas das obras.

Outra referência é o trabalho *Palabras ajenas* (1967), de León Ferrari (1920-2013), uma colagem literária com mais de 180 vozes recortadas de jornais e revistas e remontadas num livro único sobre a história da violência no Ocidente. Anna Ferrari traz para o grupo de trabalho o testemunho de sua família, com a série de cartas escritas por León, seu avô, sobre o desaparecimento de seu filho e a namorada, mortos pela ditadura militar argentina. Essas cartas, parte do acervo da Fundación Augusto y León Ferrari, são a epígrafe de *Meta-Arquivo*.

A leitura entrelaçada de documentos e vozes compõe o panorama dessa rede de informação e afeto que se construiu para esta exposição. A imersão em arquivos da ditadura passou a ser atravessada diariamente por narrativas que surgem de todos os lados, que ocupam os noticiários, as conversas de bar, os almoços em família e nossas conversas. O tema da ditadura no Brasil volta à baila com a eleição do presidente Jair Bolsonaro, que traz para seu governo militares para ocuparem ministérios e órgãos públicos. O momento político é marcado por um movimento de negacionismo da história, com elogios a torturadores e manifestações públicas pró-ditadura. O que se vê é o retrocesso de conquistas, um retorno a gestos de censura, a intensificação da perseguição às minorias e as mesmas ações visíveis de apoio de grupos econômicos interessados no regime necropolítico que se instaurou.

A assimilação de narrativas historiográficas como material de trabalho acarreta extensos processos de pesquisa que transbordam em imagens, palavras e vozes. Na exposição, criamos um espaço dedicado à consulta pelo público dos documentos e referências levantados no processo de pesquisa. Esse material, coletado pelo grupo de trabalho, foi reunido pela curadoria em dossiês. Essa reunião de fontes de referência se somou a uma biblioteca de livros importantes para se estudar a ditadura. Livros que se tornaram já clássicos para o estudo desse momento histórico brasileiro, e outros títulos, menos conhecidos do grande público e que se somam para que se possa processar, entender, problematizar o período da ditadura militar no Brasil.

Não se pode deixar de notar o caráter eminentemente pedagógico da exposição. As palavras iniciais de Paulo Freire (2018: 39) em *Pedagogia do oprimido* repercutem: “Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu ‘posto no cosmos’, e se inquietam por saber mais”.

Meta-Arquivo foi tomada por gestos de apropriação de documentos. Frases são tecidas em tear industrial; fac-símiles gravados em pedra; e fotografias, impressas em tecidos, cartazes, painéis. Organogramas são expostos em grande dimensão, enquanto diagramas são desenhados em vídeo, e os inquéritos, lidos em voz alta, ao lado de testemunhos gravados e cartas reveladas. Todas são operações de construção dessas memórias mapeadas no processo de pesquisa da exposição.

Os relatórios produzidos pelos órgãos de repressão e os estudos organizados posteriormente ao fim do regime foram uma fonte primordial para os artistas. É o caso do rico material organizado pelo projeto

Brasil: nunca mais (1979-1985), que conseguiu reproduzir, em segredo, mais de 700 processos judiciais do extinto Superior Tribunal Militar (STM), e, mais recentemente, a Comissão Nacional da Verdade (2011-2014) buscou arquivos, colheu depoimentos, realizou audiências públicas e produziu um extenso relatório final. São importantes referências sobre as violações de direitos humanos cometidas por agentes do Estado. Junto a elas, outras diversas comissões estaduais, municipais e de universidades foram instituídas, muitas reunidas no Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil Memórias Reveladas, implantado no Arquivo Nacional. Destaco também o Arquivo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops-SP), no Arquivo do Estado de São Paulo.

Traplev e Ícaro Lira dialogam com textos e depoimentos retirados de materiais produzidos pela resistência – cartazes, panfletos, jornais e cartas. Traplev trabalha com o site Documentos Revelados, organizado por Aluizio Palmar, ex-militante da VAR-Palmares, a Coleção do ASMOB – Clandestinidadade, Exílio e Resistência, custodiada pelo Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem) e o site do Brasil Nunca Mais. Lira pesquisa a coleção pessoal do grupo Crítica Radical, o Centro de Memória Frei Tito de Alencar e o site do Coletivo Aparecidos Políticos em Fortaleza. Paulo Nazareth trabalha com materiais apreendidos por agentes dos Departamentos das Secretarias de Segurança Pública Estaduais (Deops), os inquéritos policiais e os dossiês de espionagem. O Grupo Inteiro se apropria de manuais para formação dos agentes do Serviço Nacional de Informações (SNI). Mabe Bethônico, junto a Victor Galvão, trabalha com o arquivo Lucas Lopes, hoje localizado na Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, e o Fundo do Movimento de Educação de Base (MEB), parte do acervo do Centro de Documentação e Informação Científica (Cedic) da PUC-SP, além do Arquivo Público Mineiro³.

Arquivos de imagem ocupam uma parte importante do conjunto. Giselle Beiguelman produz um ensaio visual que documenta o trabalho do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (Caaf), da Unifesp. Rafael Pagatini trabalha com o Núcleo do Acervo Iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo, do Sesc Memórias, do Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca de São Paulo e do Arquivo Histórico-Documental do Museu de Arte de São Paulo (Masp), composto por documentos relacionados às atividades do museu ao longo de sua história. Ana Vaz trabalha com a Coleção Adrian Cowell e Coleção Jesco von Puttkamer, partes do acervo audiovisual de antropologia visual do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), vinculado à PUC-Goiás, e o 1º Relatório da Comissão Estadual da Verdade do Amazonas – "O genocídio do povo Waimiri-Atroari e os desenhos Kiña feitos pelos alunos da Escola Yawara, entre 1985 e 1986". O processo de alfabetização do povo Waimiri-Atroari, coordenado por Egydio Schwade e Doroti Alice Müller Schwade (membros do Conselho Indigenista Missionário e, na época, também da Operação Anchieta), foi inspirado no método Paulo Freire e partiu de desenhos elaborados pelos indígenas, que contavam as histórias de como seu povo foi massacrado.

Olhando retrospectivamente para os encontros do grupo de trabalho, não impressiona o fato de a voz estar presente de forma tão incisiva na exposição. Paulo Nazareth traz as vozes de Michelle Matiuzzi e Ricardo Aleixo em leituras de depoimentos; o Contrafilé trabalha com relatos do Programa Regular da Coleta de Testemunhos, do Memorial da Resistência; e Ícaro Lira coleta relatos dos militantes do grupo Crítica Radical, no Ceará. Giselle Beiguelman cria uma instalação sonora e se apropria de referências da história da arte para fazer uma tradução em paráfrase do texto de Hal Foster "Impulso historiográfico", reflexão-chave na discussão sobre o arquivo na arte contemporânea. Daniela Castro, curadora convidada para escutar nosso processo de trabalho, propõe um texto-áudio sobre a escuta. Mabe Bethônico trabalha em vídeo duas aulas, que ela desenha a partir da voz de uma historiadora, Ana Carolina Reginatto, que tem a função de professora que transmite fatos do panorama historiográfico sobre o papel das mineradoras durante o regime militar, sobretudo como questão motivadora do golpe.

O vídeo de Ana Vaz traz a voz de Egydio Schwade e o testemunho sobre o arquivo que ele próprio criou na Casa da Cultura do Urubuí, na cidade de Presidente Figueiredo, onde estão reunidos os quase 3 mil desenhos produzidos pelos Waimiri-Atroari e que conta a história de fatos desconhecidos pelo público em geral.

Shoshana Felman (2000: 64-65) se questiona sobre quais seriam os vínculos entre o ato de *escrever* e de *prestar testemunho*, e até que ponto o processo do testemunho poderia ser transposto para a prática pedagógica. Sua indagação ressoa em nossa experiência com esse projeto: “Em um século pós-traumático, o que e como o testemunho nos pode ensinar?” *Meta-Arquivo: 1964-1985* foi um espaço de escuta e leitura de histórias da ditadura. O que era visível é o potencial de transmissibilidade de muitas vozes reunidas. O que se faz vivo neste processo é a percepção de que a justiça se constrói pela mediação. Nos efeitos devastadores da negação dessas histórias, sua intencionalidade está na pesquisa e na sobrevivência de espaços de reflexão e ação no campo da arte brasileira.

Um conjunto de cartilhas mostradas na instalação *Elite Mineral*, de Mabe Bethônico, fez parte do programa de alfabetização de adultos “Viver é Lutar”, de iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), implementada a partir de 1963 com apoio do Governo Federal. Os títulos “Saber para Viver”, “Viver é Lutar”, “Mutirão” (esta última contendo ilustrações de Ziraldo) e “O Homem do Campo”, visava alfabetizar trabalhadores rurais. Contando com apoio de escolas radiofônicas, o programa abordava conteúdos voltados à conscientização, num trabalho social mais amplo, influenciado por princípios educativos de Paulo Freire e outras experiências pedagógicas. Com o golpe militar, exemplares que restaram na gráfica foram apreendidos como “cartilhas subversivas”. O programa foi suspenso, seus coordenadores interrogados no Dops, causando grande repercussão na imprensa. A partir dessa história Mabe Bethônico desenvolve uma outra cartilha, intitulada “Perguntar é Saber”. Documentos, em sua maioria recortes de jornal, são imagens a partir das quais perguntas são feitas, conduzindo à interpretação de fatos históricos. Nos exercícios de “alfabetização” propostos, claramente o que está em jogo é a instrução para um sentido crítico e analítico, pois as perguntas contêm indícios da problematização que as respostas podem reafirmar.

De modo similar, os trabalhos da exposição se desenvolvem a partir de perguntas claras: O que aconteceu com o povo Waimiri-Atroari? O que foi a marcha para o Centro-Oeste? A favor de quais interesses (e de quem) foi vetado o projeto da instituição da Minerobrás já nos primeiros dias após o Golpe Militar? – Este era um projeto de nacionalização dos minérios elaborado nos moldes da experiência bem-sucedida da Petrobrás. Como atuavam as organizações clandestinas das décadas de 1960 e 1970 e que tipo de materiais produziam? Como funcionava o Serviço Nacional de Informações (SNI)? Como se dava o controle de informações, da censura, da espionagem e da produção e acumulação de dados sobre a sociedade, em especial de organizações subversivas? Como as instituições culturais paulistas se aproximaram das novas autoridades do regime? Como se deu a perseguição de órgãos policiais a movimentos negros na época? Como evidenciar as relações entre o racismo estrutural, o encarceramento sistêmico de negros e negras e a persistência de estereótipos raciais nas práticas do Estado? Quem são os mortos e desaparecidos políticos da ditadura? Qual a história da Vala de Perus? O que podemos aprender com a luta e resistência política no Estado do Ceará no período? Como a experiência traumática pode se transformar em uma experiência educativa, pedagógica? O que uma testemunha está ensinando?

Assumi-se desde o início do trabalho a dinâmica de pesquisa coletiva. A exposição tomou naturalmente a forma de um campo pedagógico, que depois se viu como uma “exposição-escola”. Trabalhou-se conscientemente no sentido de compartilhamento de pesquisas e das perguntas

individuais sobre a ditadura e suas implicações em diferentes partes da sociedade. Uma exposição que teve a mediação no seu cerne – as obras dirigiram claramente questões, de modo direto, demonstrando em sua forma como se buscou saber. As respostas, permanecem inexistentes, no âmbito incompreensível da violência, da injustiça, e do apagamento que possibilita o retorno do fantasma, a repetição da violência do Estado contra a maioria, contra o próprio país.

Toda essa experiência de trabalho exigiu e possibilitou a organização de fontes, bem como configurou novos conteúdos, que somados, são contribuições para os estudos sobre a ditadura. Aqui, a produção artística se configura como um campo agregador, organizador e produtor de conteúdos historiográficos. Diante das características desse projeto em particular, uma questão evidente é a da permanência: quais espaços, além do espaço expositivo, pode ocupar uma exposição que se configura como arquivo? Ou, como a pesquisa desenvolvida pode se configurar como arquivo disponível e acessível?

Pensamos em dar continuidade ao programa de escuta e leitura da história, que é o subtítulo da exposição, adotando-o como impulso para buscar uma (outra) forma para os arquivos constituídos no projeto, considerando o trabalho que antecede a exposição (organização e escolha de documentos e fontes), o processo de pesquisa dos artistas, bem como sua efetivação enquanto evento expositivo. Nossa proposta é um desdobramento no sentido de desenvolver uma forma compacta para circulação viável, reunindo mapeamentos, registros de obras e/ ou partes constituidoras das mesmas, relatos colecionados durante o evento, registros em imagem etc. Um volume que pode servir de instrumento para se adentrar esse período histórico a partir de processos e obras de artistas, sendo um objeto mediador, e provedor de experiências de questionamento. Estamos falando de estratégias de deslocamento e difusão da informação, a intenção é apresentar outras interpretações possíveis para os acontecimentos históricos.

Referências

FELMAN, S. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar (1ª edição 1991). In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). Catástrofe e representação: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

FERRARI, L. *The Words of Others: Conversations between God and a few men and between a few men and a few men and God*. Primeira edição em inglês. Tradução: Antena. Los Angeles: REDCAT, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. (1ª ed. 1968).

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. The Power of the Archive and its Limits. In: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; SALEH, Razia; REID, Graeme. (ed.) *Refiguring the Archive*. Cape Town, South Africa: David Philip Publishers, 2002.

META-ARQUIVO: 1964-1985. *Espaço de Escuta e leitura de histórias da ditadura*. Serviço Social do Comércio; Concepção, curadoria e pesquisa de Ana Pato. São Paulo: Sesc, 2019.

WHITE, H. *Meta-história: A imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1992. (1ª ed. 1973).

Notas

* Curadora. Pesquisadora. Professora. Coordenadora do Memorial da Resistência de São Paulo a partir de maio de 2020. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. E-mail: <pato.ana@gmail.com>. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-7733-7926>>.

** Artista. Pesquisadora. Doutora em Artes Visuais pelo Royal College of Art, Londres. E-mail: <mabebethonico@mac.com>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-9345-6514>>.

¹ O termo "empresarial-militar" foi cunhado a partir da pesquisa seminal do cientista uruguaio René Dreifuss, publicada no Brasil em 1981 sob o título *1964 – a conquista do Estado*. O livro é a versão em português de sua tese de doutoramento, realizada na Universidade de Glasgow, *State, class and the organic elite: the formation of the entrepreneurial order in Brazil, 1961-1965*. Trata-se de um imprescindível ponto de partida para entendermos as transformações na configuração das classes dominantes brasileiras que culminaram na participação ativa de parte do empresariado no golpe de 1964. A partir de então o termo tem sido adotado pela historiografia, por exemplo, pelo Grupo de Trabalho Empresariado e Ditadura no Brasil, da UFRJ do qual faz parte a pesquisadora doutora Ana Carolina Reginatto, cuja produção da tese "A ditadura empresarial-militar e as mineradoras (1964-1988)" feita junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ) – sob a orientação do Professor Renato Lemos, levou a artista Mabe Bethônico a convidá-la para a construção do seu projeto.

² A exposição aconteceu no Sesc Belenzinho, em São Paulo, de 23 de agosto a 24 de novembro de 2019, com curadoria e pesquisa de Ana Pato e em parceria com o Memorial da Resistência e realizada pelo Sesc São Paulo.

³ O Diagrama de pesquisa foi apresentado também na parede da exposição, para dar visibilidade aos processos individuais de trabalho na construção da exposição, mas principalmente, organiza processos e entrecruzamentos de modo orgânico e pretende divulgar fontes existentes no país à disposição para desenvolvimento de pesquisa sobre a ditadura.

Texto recebido em fevereiro de 2020. Aprovado em abril de 2020.